



A Santa Sé

VISITA PASTORAL DO PAPA FRANCISCO
A CESENA NO TERCEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO PAPA PIO VI
E A BOLONHA NA CONCLUSÃO DO CONGRESSO EUCARÍSTICO DIOCESANO

CELEBRAÇÃO DA SANTA MISSA EM BOLONHA

HOMILIA DO SANTO PADRE

Estádio Dall'Ara

Domingo, 1º de outubro de 2017

[Multimídia]

Celebro convosco o primeiro Domingo da Palavra: a Palavra de Deus faz arder o coração (cf. *Lc* 24, 32), porque nos faz sentir amados e confortados pelo Senhor. Também Nossa Senhora de São Lucas, evangelista, nos pode ajudar a compreender a ternura materna da Palavra «viva», que contudo é ao mesmo tempo «incisiva», como no Evangelho de hoje: com efeito, penetra na alma (cf. *Hb* 4, 12) e evidencia os segredos e as contradições do coração.

Hoje provoca-nos com a parábola dos dois filhos, que quando o pai pede para irem trabalhar na sua vinha respondem: o primeiro, não, mas depois vai; o segundo sim, mas acaba por não ir. Há contudo uma grande diferença entre o primeiro filho, que é preguiçoso, e o segundo, que é hipócrita. Procuremos imaginar o que aconteceu dentro deles. No coração do primeiro, depois do não, ressoava ainda o convite do pai; no segundo, ao contrário, não obstante o sim, a voz do pai estava sepultada. A recordação do pai arrancou o primeiro filho da preguiça, enquanto o segundo, mesmo conhecendo o bem, desmentiu a palavra com a ação. Com efeito, tinha-se tornado impermeável à voz de Deus e da consciência para abraçar uma vida dupla. Com esta parábola, Jesus põe dois caminhos diante de nós, que — experimentamo-lo — nem sempre estamos prontos para dizer sim com as palavras e com as obras, porque somos pecadores. Mas podemos escolher ser *pecadores a caminho*, que permanecem à escuta do Senhor e quando caem arrependem-se e levantam-se, como o primeiro filho; ou ser *pecadores sentados*, prontos a justificar-se sempre e só com palavras segundo o que convém.

Jesus dirigiu esta parábola a alguns chefes religiosos da época, que eram semelhantes ao filho da vida dupla, enquanto as pessoas comuns se comportavam muitas vezes como o outro filho. Estes chefes sabiam e explicavam tudo, de modo formalmente irrepreensível, como verdadeiros *intelectuais da religião*. Mas não tinham a humildade de ouvir, a coragem de se questionar, a força de se arrepender. E Jesus é muito severo: diz que até os publicanos os precedem no Reino de Deus. É uma reprovação forte, porque os publicanos eram corruptos traidores da pátria. Qual era então o problema destes chefes? Não erravam em algo, mas sim no modo de viver e de pensar diante de Deus: eram, por palavras e com os outros, guardas inflexíveis das tradições humanas, incapazes de compreender que a vida segundo Deus é *a caminho* e requer a humildade de se abrir, de se arrepender e de recomeçar.

E isto o que nos diz? Que não existe uma vida cristã que se pode planejar, cientificamente construída, onde é suficiente cumprir alguns ditados para ficar com a consciência tranquila: *a vida cristã* é um caminho humilde com uma consciência que nunca é rígida mas está sempre em relação com Deus, que sabe arrepender-se e entregar-se a Ele na suas pobreza, sem nunca presumir que é autossuficiente. Assim se superam as edições revistas e atualizadas daquele mal antigo, denunciado por Jesus na parábola: a hipocrisia, a vida dupla, o clericalismo que se faz acompanhar pelo legalismo, o afastamento do povo. A palavra-chave é *arrepender-se*: é o arrependimento que permite não ser rigoroso, transformar o *não* a Deus em *sim*, e o *sim* ao pecado em *não* por amor do Senhor. A vontade do Pai, que todos os dias fala delicadamente à nossa consciência, só se cumpre na forma do arrependimento e da conversão contínua. Em síntese, no caminho de cada um há duas possibilidades: ser *pecadores arrependidos* ou *pecadores hipócritas*. Mas o que conta não são os raciocínios que justificam e procuram salvar as aparências, mas um coração que vai em frente com o Senhor, luta todos os dias, arrepende-se e volta para Ele. Porque o Senhor procura *puros de coração*, não *puros “na aparência”*.

Vejamos então, queridos irmãos e irmãs, que a Palavra de Deus escava profundamente, «discerne os sentimentos e os pensamentos do coração» (*Hb 4, 12*). Mas ao mesmo tempo é atual: a parábola recorda-nos também as relações, nem sempre fáceis, entre pais e filhos. Hoje, na velocidade com a qual se muda de uma geração para outra, sente-se mais necessidade de autonomia do passado, por vezes até à rebelião. Mas, depois dos fechamentos e dos longos silêncios de um lado ou do outro, é bom recuperar o encontro, mesmo se ainda habitado por conflitos, que podem tornar-se estímulo de um novo equilíbrio. Assim como em família, também na Igreja e na sociedade: nunca renunciar ao encontro, ao diálogo, a procurar novas vias para caminhar juntos.

No caminho da Igreja surge muitas vezes a pergunta: para onde ir, como ir em frente? Gostaria de vos deixar, como conclusão deste dia, três pontos de referência, três “P”. O primeiro é *a Palavra*, que é a bússola para caminhar humilde, para não perder o caminho de Deus e cair na mundanidade. O segundo é *o Pão*, o Pão eucarístico, porque tudo começa na Eucaristia. É na Eucaristia que se encontra a Igreja: não nas indisciplinas e nas crónicas, mas aqui, no Corpo de

Cristo partilhado por pessoas pecadoras e necessitadas, que contudo se sentem amadas e então desejam amar. Parte-se daqui e assim reencontramo-nos todas as vezes, este é o início irrenunciável do nosso ser Igreja. Proclama-o “em voz alta” o *Congresso Eucarístico*: a Igreja reúne-se assim, nasce e vive em volta da Eucaristia, com Jesus presente e vivo para adorar, receber e doar todos os dias. Por fim, o terceiro P: *os pobres*. Infelizmente ainda hoje tantas pessoas não têm o necessário. Mas há também muitos pobres de afeto, pessoas sozinhas e pobres de Deus. Em todas elas encontramos Jesus, porque Jesus seguiu no mundo a via da pobreza, da aniquilação, como diz São Paulo na segunda Leitura: «Despojou-se de si mesmo assumindo a condição de servo» (Fl 2, 7). Da Eucaristia aos pobres, vamos ao encontro de Jesus. Reproduzistes a inscrição que o Cardeal Lercaro gostava de ver gravada no altar: «Se partilhamos o pão do céu, por que não partilhar o terrestre?». Far-nos-á bem recordar sempre isto. A Palavra, o Pão e os pobres: peçamos a graça de nunca esquecer estes alimentos-base, que amparam o nosso caminho.